

Índice

- p. 11 Introdução
Maria A. Fontes, Nazir Ahmed Can, Rita Chaves
- 47 *Espaços narrados, espaços narráveis*
João Paulo Borges Coelho
- 67 *A ficção como afrontamento das fronteiras*
Dau Bastos
- 89 *Geografie dell'altrove. Luogo e memoria in alcuni romanzi brasiliani del XXI secolo*
Roberto Francavilla
- 109 *O tensionamento entre território e escrita nas literaturas lusófonas*
Edimilson de Almeida Pereira
- 133 *Espaço e espacialidade em obras literárias africanas escritas em português*
Maria Nazareth Soares Fonseca

- p. 157 *Olhares de fora para dentro. Novas configurações espaço-literárias de Luanda*
Sandra Sousa
- 183 *Uma rua toda sua? Espaços público e privado em Niketche e Quarenta dias*
Ricardo Luiz Pedrosa Alves
- 207 *Alexandra Lucas Coelho no Afeganistão. Novos e velhos desafios de uma escritora-viajante em pleno século XXI*
Catarina Nunes de Almeida
- 233 *Oriente e orientalismo na literatura moçambicana*
Nazir Ahmed Can
- 257 *Metagoge e espaço em Germano Almeida*
Maria da Graça Gomes de Pina
- 277 *Os espaços da imaginação na Índia de Almeida Faria*
Lucia Teixeira
- 301 *Antinavegação. Jalan Jalan e a poética do passeio*
Luciana Salles
- 321 *Pietracatella, Niterói, Adis Abeba. A dupla viagem de Etiópia*
Vagner Camilo
- 343 *Espécies de espaços ibéricos*
Jordi Cerdà Subirachs

- p. 361 *O futuro é a escuridão. Protocolos de leitura de espaços escuros*
Helder Thiago Maia
- 385 *O baile, o porão, a nave, o não. Sobre o filme Branco sai, preto fica (Brasil, 2014)*
Ana Paula Pacheco
- 409 Autores

Introdução

Pactos, impactos e impasses:
notas sobre as *geo-grafias* literárias
de língua portuguesa no século XXI

Marcado por contradições e conflitos de distinta ordem, o século XXI tem inspirado, um pouco por todo mundo, narrativas literárias que procuram compreender este tempo de extremos, atualizando movimentos que conferem relevância à categoria «espaço» nas discussões em torno das ciências humanas e criam impasses consideráveis nas dinâmicas culturais dos povos e nas suas variadas instâncias de representação. Nos contextos de língua portuguesa, em que, sob o impacto ainda da longa noite colonial, os territórios se veem marcados por processos de expansão e contração, o desafio tem gerado instigantes formas artísticas de apropriação e reapropriação do espaço, confirmando que qualquer percepção de trânsito temporal se deve fazer acompanhar por transformações no modo como se perscruta a geografia.

Mesmo quando há a preocupação em defender tão-somente a própria sobrevivência, o controle do tempo e a gestão do espaço são tarefas que se impõem ao ser humano, o que equivale a dizer que na administração da vida, ainda que em sua dimensão primária, é essencial a consideração desses dois fatores, cuja articulação ganha contornos particulares em cada situação. Tanto no domínio da vida prática como

no campo do imaginário, é possível captar elementos que explicam a permanência e a mudança nas formas de percepção dos fenômenos que à nossa volta vão espelhando o desenvolvimento das relações humanas e a sua codificação em sistemas econômicos, políticos e sociais, convidando-nos a um tipo de análise que não desconsidere a integração de novos instrumentos.

Um olhar sobre o século XXI revela que a centralidade do espaço se instituiu e a constituição de uma certa «virada espacial» fez emergir outras referências aos campos do conhecimento com reflexo na composição de um léxico dominado por categorias geográficas: palavras como lugar, paisagem, território, fronteira e região entrecruzam-se com signos como imagem, símbolo, sujeito, existência e imaginário, anunciando a hipóteses de outros olhares. Com efeito, na distinção entre os mundos que se descobriram a partir do século XV e passaram por variados processos de atração e rejeição, adjetivos como «Velho» e «Novo» deram lugar a expressões como norte e sul, centro e periferia, interior e exterior, passagem que sugere a substituição da ordem temporal pela espacial e torna dominante a reflexão acerca das desigualdades sociais, das diferenças culturais e, evidentemente, do funcionamento do poder.

Ao observarmos os debates em torno das relações entre saber e poder, preocupação que não deve estar ausente de nosso horizonte de interesse, logo nos damos conta de que, como fonte de preocupação ou como elemento de grande interferência no desenvolvimento de vários campos científicos, o espaço vem sendo objeto de atenção de muitos estudiosos, o que tem assegurado destaque à geografia e peso à

sua presença nas abordagens interdisciplinares. As questões relacionadas ao ambiente, mobilizando a preocupação com o destino da Terra, trouxeram para o centro os estudos do meio e as relações entre o homem e os territórios que ele ocupa, aí inserindo-se também as relações entre os habitantes dos vários cantos do planeta.

Fenômeno que recentemente tem sido interpretado pela chave da disparidade social, na aguda síntese do geógrafo brasileiro Milton Santos,¹ o espaço é definido como a acumulação desigual de tempos, formulação que leva a pensar nos intrincados processos de desenvolvimento e suas ressonâncias no patrimônio cultural que acumulamos. As dinâmicas de acumulação de bens e exclusão socioeconômica e cultural têm determinado de maneira aguda a fixação e o deslocamento das populações, condicionando a sua relação com os territórios em que nascem, de que saem e/ou a que chegam. Ancorado na leitura e, com toda a certeza, em sua própria experiência de exilado, Edward Said, ao focalizar os laços entre arte e império, observa com precisão:

Estão em jogo territórios e possessões, geografias e poder. Tudo na História tem suas raízes na terra, o que significa que devemos pensar sobre a habitação, mas significa também que as pessoas pensaram em ter mais territórios, e, portanto, precisaram fazer algo em relação aos habitantes nativos. Num nível muito básico, o imperialismo significa pensar, colonizar, controlar terras que não são nossas, que estão distantes, que são possuídas e habitadas por outros.²

1. M. Santos, *Pensando o espaço do homem*, São Paulo: EDUSP, 2007.

2. E. Said, *Império e utopia*, São Paulo: Companhia das Letras, 1995, p. 37.

Inaugurado pelo movimento dos barcos, o colonialismo europeu, sem dúvida, desenha seu roteiro seguindo as trilhas da ocupação e da desigualdade. Ecoando as palavras de Said, podemos reiterar que, sobretudo a partir do final do século XV, a posse da terra – motor da expansão que determinou a história dos povos – definiu-se como categoria fundamental para a invenção cartográfica que naturalizou um código de representação e uma ilusão de verdade. Desde então, da incessante circulação de bens e pessoas, por distintas razões e de diferentes modos, produziram-se efeitos contrários àqueles habitualmente associados ao exercício da viagem, isto é, em lugar da troca de experiências, o resultado do expansionismo europeu traduziu-se na asfixia de saberes, na hierarquização cultural e no esvaziamento do sentido de humanidade guardado nos lugares percorridos ou invadidos. Nas últimas décadas, o nosso presente que, de acordo com Ruy Duarte de Carvalho,³ se desenrola ainda sob o signo da grande expansão renascentista, coloca-nos perante a intensificação dos movimentos migratórios, em particular aqueles que têm como destino a Europa e os Estados Unidos da América, fato que tornou mais acesa a conexão entre mobilidade e geopolítica e trouxe para os debates aspectos já reclamados pela globalização.

Na contemporaneidade, na força dos confrontos, ao lado da emergência das lutas pelo direito à identidade, dialeticamente evidenciam-se os contornos da alteridade que tendem, em grande medida, a ser definidos pela ideia do espaço ao qual as pessoas estão associadas. A dicotomia natureza e

3. R. Duarte de Carvalho, *Desmedida. Luanda-São Paulo-São Francisco e volta. Crônicas do Brasil*, Lisboa: Cotovia, 2006, p. 119.

cultura, tão presente na organização de certos saberes, viu-se relativizada pela força de outros modos de apreender as transformações que afetaram a vida das populações e suas diversas formas de conceber as mudanças. Atingidos pelo ritmo das transformações sociais, econômicas e políticas, os métodos científicos engendraram significativas alterações para a sua própria constituição, como se observa no domínio antropológico: o trabalho de campo, visto como um «método notavelmente sensível»,⁴ impactou o olhar do pesquisador, tendo reforçado a ideia de autoridade etnográfica que mais tarde seria questionada por algumas vertentes da Antropologia, sem que tal processo, entretanto, colocasse em causa a validade do deslocamento. Aliás, impondo-se ao etnógrafo, a experiência do deslocamento traz algumas particularidades à constituição do ponto de vista com que se observa o outro, essa entidade que precisa ser encarada também sob o signo da mobilidade.

No quadro da literatura, nosso principal objeto de interesse, também se efetivam sinais de alguma mudança. Secundarizada durante tanto tempo pela História no terreno dos estudos literários, a Geografia tem-se projetado – e vê-se como vem ganhando corpo a energia do espaço ao lado da força do tempo – em propostas que fazem ressaltar a articulação dessas coordenadas, em particular, no domínio da narrativa. A partir das primeiras décadas do Século XX, a propriedade da reflexão de Bakhtin (com os seus cronotopos,⁵ de grande repercussão principalmente na análise do

4. J. Clifford, *A experiência etnográfica*, 4 ed., Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2011, p. 20.

5. O conceito surge em «Forms of time and of the chronotope in the novel», um ensaio monográfico do autor, publicado em 1938.

romance como gênero) e a proposta inovadora de Gaston Bachelard trouxeram os ventos da mudança. A publicação e a repercussão de *Estética da criação verbal* e *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance*,⁶ do estudioso russo e de *A poética do espaço*,⁷ do filósofo francês, ajudaram a despertar outras preocupações entre os críticos, alertados de algum modo para o lugar desse elemento estrutural da narrativa, até então muito limitado, como bem demonstra o paralelo com a bibliografia acerca da personagem e o foco narrativo, por exemplo. Especialmente em tradições críticas e teóricas de língua russa, inglesa, francesa, italiana e alemã, o pacto com as «geo-grafias» literárias ganha relevo de meados do século XX para cá: além de Bachelard e Bakhtin, Youri Lotman, Kenneth White, Marc Brosseau, Franco Moretti, Michel Collot, Bertrand Westphal, Katrin Dennerlein, Greg Garrard ou Graham Huggan são apenas alguns dos nomes associados à valorização consolidada um pouco antes no campo das ciências sociais e humanas. Neste âmbito, merecem ser realçados os estudos de Kevin Lynch, Edward Soja, James Duncan, Michel de Certeau, Jane Jacobs, Félix Abiola Riko, Michael Jakob, Vincent Jouve, Sandra Cavicchioli, Gianfranco Rubino e do brasileiro Milton Santos, uma das raras exceções a penetrar na biblioteca global e a confirmar a regra, no que à produção, à circulação e/ou à visibilidade se refere, do desdobramento do poderio econômico das antigas potências imperiais na esfera epistemológica. Consideran-

6. M. Bakhtin, *Estética da criação verbal*, trad. de Paulo Bezerra, São Paulo: Martins Fontes, 2003; Id., *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance*, trad. de Aurora Fornoni Bernardini et al., São Paulo: Hucitec, 1988.

7. G. Bachelard, *A poética do espaço*, trad. A.P. Danesi, São Paulo: Martins Fontes, 1993.

do ainda o peso das línguas dos principais antigos impérios, cabe, finalmente, sublinhar a proeminência do espaço nas abordagens de cunho cultural ou culturalista de distintos recantos do mundo: da Índia, destacam-se os estudos de Homi Bhabha⁸ e de Arjun Appadurai;⁹ do Congo, realcem-se os monumentais textos de V.Y. Mudimbe;¹⁰ da Argentina, poderíamos citar alguns títulos de Walter Mignolo, entre eles, *La Idea de Latinoamérica*.¹¹ Na base de muitos destes ensaios, encontra-se, naturalmente, a sempre atual reflexão do palestino Edward Said.¹²

Desse rápido balanço que deixa estampada a presença crescente do espaço no campo literário, podemos fazer um salto ao repertório dos geógrafos, onde se notam traços da atração pela literatura, vista como um instrumento eficaz para se observar mais intensamente o encontro entre o homem e as paisagens. Para muitos estudiosos, na sua capacidade de combinar aspectos objetivos e subjetivos, a literatura apresenta-se como uma área produtiva para a análise da perspectiva experiencial entre o indivíduo e seu mundo, oferecendo bases para abordagens mais identificadas com a visão holística da experiência humana e favorecendo a captação desses laços que refletem interações profundas e apon-

8. H. Bhabha, *O local da cultura*, Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1998.

9. A. Appadurai, *Modernity At Large: Cultural Dimensions of Globalization*, Minneapolis: University of Minnesota, 1996.

10. V.Y. Mudimbe, *The Invention of Africa: Gnosis, Philosophy, and the Order of Knowledge*, Bloomington: Indiana University Press, 1988; V.Y. Mudimbe, *The Idea of Africa*, Bloomington: Indiana University Press, 1994.

11. W. Mignolo, *La idea de América Latina. La herida colonial y la opción decolonial*, Barcelona: Gedisa, 2007.

12. E. Said, *Orientalism*, New York: Pantheon Books, 1978; Id., *Culture and Imperialism*, London: Chatto & Windus, 1993.

tam para a mistura das várias dimensões. De acordo com Solange Terezinha de Lima:

A paisagem geográfica captada pelo escritor não emerge simplesmente como matéria inanimada de um cenário estático, pois, ao mesmo tempo em que vivifica, é vivificada, mediante a memória e visibilidade de suas experiências, percepções e imagens.¹³

Também aqui, entretanto, observamos um jogo entre a incipiência dos estudos e o crescente interesse pelo seu aprofundamento. Embora seja comum a indicação de Alexander Von Humboldt, autor da famosa obra *Cosmos*, apontada como base da reinvenção ideológica da América do Sul¹⁴ e como um marco no roteiro das relações entre Geografia e Literatura, a pertinência dessa conexão só ganha corpo no século XX com o aparecimento de autores como Paul Vidal de la Blanche e H.R. Mill. Nessa esteira, o lugar passa a ser entendido enquanto «nó de interseção das relações sociais e espaços de atividades»¹⁵ e «dispositivo espacial» que assegura o desenvolvimento da liberdade humana. Trata-se, assim, de uma configuração territorial que preserva a aspiração individual e coletiva a uma existência a realizar-se de forma autônoma, preservando-lhe também suas condições de realização.¹⁶ Entre os brasileiros, os debates começam em 1940

13. S.T. de Lima, *Alguns pontos sobre a percepção da paisagem*, Geosul: Florianópolis, v.15, o.30 (jul./dez. 2000), pp. 7-33.

14. M.-L. Pratt, *Os olhos do Império: relatos de viagem e transculturação*, Bauru: EDUSC, 1999, p. 195.

15. D. Massey, P. Jess (a cura di), *Luoghi, culture e globalizzazione*, Torino: Utet, 2001.

16. A. Turco, «La configuratività territoriale, bene comune», in Id. (a cura

com os ecos da voz de Pierre Monbeig,¹⁷ que localiza em *Os sertões*, de Euclides da Cunha, uma possibilidade de conhecimento do Brasil e, especialmente, do Nordeste. Monbeig encontra no trabalho do escritor «as dimensões necessárias para um estudo de antropogeografia,¹⁸ aptidão tributária de sua faculdade de reconhecer a complexidade de aspectos que ajudam a decodificar tanto a conexão dos fenômenos físicos entre si como a sua relação com a experiência dos homens.

Essa posição deixa-nos perceber que, para apurar seu olhar, a Geografia, sem dispensar a objetividade dos valores e conceitos científicos, abre-se a novas fronteiras da pesquisa e do conhecimento a partir da articulação de valores e visões subjetivas. Trata-se, assim, de perseguir abordagens pautadas pela compreensão das realidades com o foco nas ressonâncias da cultura na produção do espaço, atribuindo à literatura a mediação entre o homem e os laços com o meio por ele produzido. Essa vertente insere-se na área identificada como geografia cultural que, obliterada entre as décadas de 1950 e 1970, recupera a sua importância. De fato, em 1986, Eric Dardel¹⁹ define essa articulação através da expressão «*geograficità*» que revela a relação dos homens com a Terra e, nessa perspectiva, habitar um lugar não significa apenas «estar num determinado local», mas construir com este uma

di), *Paesaggio, luogo, ambiente. La configuratività territoriale come bene comune*, Milano: Unicopli, 2014, pp. 11-42 (p. 39).

17. P. Monbeig, *Ensaios de Geografia Humana Brasileira*, São Paulo: Livraria Martins, 1940.

18. Ver J.C. Suzuki, «Geografia e literatura: abordagens e enfoques contemporâneos», *Revista do Centro de Pesquisa e Formação do SESC*, n. 5 (set. 2017), pp. 129-147 (p. 131).

19. E. Dardel, *L'Uomo e la Terra. Natura della realtà geografica*, Milano: Unicopli, 1986.

compreensão vital, através de uma participação intensa e dinâmica na dialética criativa que envolve o «espírito» do lugar e seu «corpo», de modo que o próprio espaço seja considerado um «bem comum». ²⁰ «Habitar», portanto, enquanto um conjunto de práticas e sentimentos em relação aos lugares, implica a atribuição de significados para homens e comunidades. Nesse quadro, Paul Claval ²¹ ressalta o sentido dos lugares e a ligação com a literatura como tópicos que vêm complementar o peso da paisagem, renovando os modos de conhecimento propiciado pelos estudos geográficos.

No universo literário da língua portuguesa, efetivamente, a incorporação dos estudos geográficos foi marcada por um compasso lento. Até algumas décadas, mesmo após instigantes e irrefutáveis sugestões de narrativas e poemas, a abordagem da Literatura Brasileira, por exemplo, caracterizava-se por uma continuada timidez, constatação que, já em 1987, leva Antonio Dimas a assinalar o contraste entre a presença dominante da paisagem em nossa produção literária e o pouco expressivo enfoque do espaço nas propostas analíticas:

Apesar da forte adesão do romance brasileiro ao espaço, seja urbano, rural ou selvático, a nossa crítica pouca atenção tem dedicado ao assunto [...]. Causa estranheza essa rarefação crítica, responsável pela dificuldade em se organizar um repertório bibliográfico extenso e sistemático, mormente

20. A. Turco, «Il Lugo, bene comune», in Id. (a cura di), *Paesaggio, luogo, ambiente. La configuratività territoriale come bene comune*, Milano: Unicopli, 2014, pp. 149-185 (p. 184).

21. P. Claval, «Le Theme Regional dans la Litterature Française», *L'Espace Geographique*, n. 1 (1987), pp. 60-73.

num país cuja literatura respondeu de pronto aos estímulos mesológicos.²²

Como ler essa expressiva diferença? Como compreender o foco em outros elementos ou, no máximo, o enfoque em formas de recuperação fotográfica dos cenários onde se desenrolam os enredos, como se as obras literárias indicassem roteiros dos quais os estudiosos insistiam em se desviar? O fato torna-se mais expressivo se consideramos que essa prevalência da paisagem ultrapassava as fronteiras do Brasil, impondo-se como traço na escrita latino-americana e participando, de certa maneira, no processo de invenção do continente. Como se reconhece, pensada como um «novo mundo», a América insinuava-se no imaginário europeu e assumia uma presença fisicamente delineada, tingida pelo deslumbramento presente já na carta com que Colombo inaugura a documentação referente ao continente. A extensão das planícies, o desmedido das florestas, as singularidades das formações montanhosas, acentuando o sentido do desconhecido e arrebatador, motivavam o desejo de enquadramento e estavam no foco dos livros de viagem, as primeiras narrativas a fazer dessas terras um assunto. Mais tarde, o empenho na apropriação do território pelas elites locais reforçou esta crença, transferindo-se também para a literatura, como se reflete na produção do nosso Romantismo, da qual José de Alencar é um poderoso exemplo. Intensificando o vínculo entre pátria e natureza, nossos escritores cultivavam a exaltação da flora e da fauna como mecanismos de compensação da tão incipiente institucionalização do país.

22. A. Dimas. *Espaço e romance*, São Paulo: Ática, 1987, p. 16.